As elites timorenses sob o olhar de Luís Cardoso

Ana Claudia de Pinho Ronzani* e Kelly Cristiane da Silva**

Resumo

Luís Cardoso é, atualmente, o escritor timorense de maior destaque internacional, cujas obras literárias foram produzidas em diáspora. Suas narrativas nos apresentam um complexo universo político-cultural, em que vários grupos etnolingüísticos convivem e interagem com os poderes estrangeiros que se instalaram em Timor-Leste ao longo do tempo. Em suas narrativas são apresentadas, ainda, as fontes simbólicas e políticas sobre as quais, Timor-Leste, como um Estado-Nação, foi inventado mediante um processo de longa duração. Neste artigo, estudamos o acesso a visões e representações multidimensionais dos processos de formação e dinâmicas das elites timorenses.

Palavras-Chave: Cultura, Política, Literatura, Timor-Leste, Descolonização.

* * *

Abstract

Luís Cardoso is currently the Timorese writer with the most international recognition, whose literary work was produced in diaspora. His narratives provides us with a complex political-cultural universe in which several ethnolinguistic groups live and interact with the foreign authorities that installed themselves in East Timor throughout time. The symbolic and political sources by which East Timor was created as a State-Nation during a long process are presented in his narratives. In this article we study the access to the multidimensional views and

* Bacharel em Ciências Sociais pela UNB

** Profª Dra. em antropologia. Pesquisadora do Instituto de Ciências Sociais do Departamento de Antropologia na UNB.

representations of the processes of formation and dynamics of the Timorese elite.
Key-words: Culture, Policy, Literature, East Timor, Decolonization.

* * *

Resumé

Luís Cardoso est, actuellement, l'écrivain timorien ayant la plus grande renommée internationale, dont les œuvres littéraires ont été réalisées en exil. Ses récits nous présentent un complexe univers politico-culturel, où divers groupes ethnolinguistiques vivent et interagissent avec les pouvoirs étrangers qui se sont installés à Timor-Est au cours du temps. Dans ses textes sont présentés, aussi, les sources symboliques et politiques sur lesquelles, Timor-Est, comme Etat-Nation, a été inventé selon un processus de longue durée. Dans cet article, nous étudions l'accès à des regards et des représentations multidimensionnelles des mécanismes de formation et des dynamiques des élites timoriennes.
Mots-clés: Culture, Politique, Littérature, Timor-Oriental, Décolonisation.

Introdução

Luís Cardoso é, atualmente, o escritor timorense de maior destaque internacional, cujas obras literárias foram produzidas em diáspora, nomeadamente em Lisboa, onde mora desde os anos 70. Originalmente deslocado à antiga metrópole de seu então Timor Português a fim de estudar, ele acompanhou de longe as tensões políticas que levaram à guerra civil em seu país, em 1975, e à conseqüente ocupação Indonésia. Tais momentos históricos figuram como pano de fundo nas obras do autor e fornecem elementos para a construção de seus personagens, que representam as elites timorenses em formação. Suas narrativas nos apresentam um complexo universo político-cultural, em que vários grupos etnolingüísticos convivem e interagem com os poderes estrangeiros que se instalaram em Timor-Leste ao longo do tempo. Em sua trilogia são apresentadas as fontes simbólicas e políticas sobre as quais, Timor-Leste, como um Estado-Nação, foi inventado mediante um processo de longa duração.

Até o presente momento Luís Cardoso produziu quatro livros, dos quais os três primeiros publicados compõem a trilogia que analisaremos

abaixo, a saber: *Crônica de Uma Travessia (1997), Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo (2001) e A Última Morte do Coronel Santiago (2003).* Sugerimos que essa trilogia expõe a visão de uma elite intelectual timorense em diáspora, na qual Timor-Leste é representado como um espaço singular e híbrido mediante referências aos universos locais (tradicionais), coloniais e pós-coloniais. Nessas obras Luís Cardoso explora as posições de diferentes segmentos das elites timorenses em momentos históricos distintos como parte de suas travessias rumo à independência simbólica e moral diante de agentes externos.

No primeiro romance, *Crônica De Uma Travessia,* aborda-se a formação da elite citadina de Díli, com referências ao espaço do antigo império português (o que hoje é o espaço da lusofonia). Trata-se de uma obra com uma temporalidade no período colonial. O segundo livro, *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo*, narra aspectos das dinâmicas das elites que estão no interior do país, nas montanhas. Já o terceiro, *A Última Morte do Coronel Santiago*, aborda fenômenos que marcam a vida de uma nova geração de elites em diáspora, com uma conseqüente ampliação de suas fontes de identidade e espaços de socialização. De fato, cada uma das obras privilegia cenários específicos para o desenrolar das narrativas, Dili, o interior ou Lisboa. No entanto, trata-se mais propriamente de diferenças de ênfase, pois nos três livros o interior de Timor, a capital Díli e o exterior se conectam de alguma maneira de modo que a trilogia nos apresenta narrativas multidimensionais dos processos de formação e dinâmicas das elites locais que se internacionalizam ao longo do tempo.

A análise está estruturada em três seções, além das considerações finais. Em cada uma delas abordam-se aspectos relevantes das obras acima citadas, pela ordem em que foram concebidas e publicadas. Assim, iniciamos nossa discussão com a apresentação de *Crônica de uma Travessia (1997).* A seguir, discutiremos *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (2001) para finalizar com *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003).

Crônica de Uma Travessia

Crônica de Uma Travessia é o primeiro livro da trilogia literária de Luís Cardoso. Seu enredo é estruturado por meio da narração das travessias percorridas ao longo da vida de um garoto e de sua família, no decorrer das quais o menino passa por diversas escolas, aldeias etc., até sua ida à metrópole, ao longo da segunda metade do século XX. A narrativa é contada sob o ponto de vista do protagonista e possui uma estrutura cronológica

não-linear. A narração é em primeira pessoa e é considerada pelo próprio autor uma biografia. Esse narrador-personagem é o protagonista da obra. A voz do narrador-personagem é a de um menino, que chamaremos de Luís para facilitar a análise.

A obra se inicia com a abordagem da trajetória do pai do menino Luís, enfermeiro contratado pelas autoridades portuguesas. Devido à sua profissão, o pai levou sua numerosa família a várias localidades de Timor, e tais mudanças propiciaram ao menino Luís a oportunidade de conviver com diferentes grupos sociais. Uma das mudanças mais importantes é a que se dá no início do livro, quando a família do protagonista faz a travessia de Díli para a ilha de Ataúro. No decorrer da travessia o narrador-personagem vai descrevendo o que encontra no caminho. Desde a paisagem que observa, as pessoas que conhece, até costumes e tradições locais, como a crença em tubarões como a encarnação de antepassados.

O protagonista da obra, o menino Luís, é originário de Calaico, mas gostava de dizer que era de Ataúro, ilha pertencente à província de Timor, que tem fama de abrigar presos e desterrados políticos. O menino Luís estudou na escola missionária de Soibada e completou o quinto ano no Liceu de Dare. Foi contemplado com uma bolsa de estudos em Lisboa e lá estava durante a Guerra Civil entre os partidos nacionais timorenses, UDT (União Democrática Timorense) e Fretilin (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente), em 1975. Conseguir uma bolsa para estudar na metrópole era muito difícil e sinal de grande *status*. Em Lisboa, Luís fez amizade com outros timorenses em exílio além de pessoas imigrantes de outras ex-colônias portuguesas. Entrou para um grupo de resistência *maubere*[1] e declamava poesias revolucionárias de Timor. No fim do livro, seu pai, o velho enfermeiro, vai até a metrópole e reencontra o filho. Este encontro trás à tona acontecimentos de seu passado, desde a guerra de Manufahi[2], a Segunda Guerra Mundial até a guerra civil timorense. Neste cenário de lembranças, o pai de Luís morre junto ao filho em Lisboa, longe de sua amada terra. A morte do pai do protagonista se dá num momento de grande mudança política em Timor-Leste em razão da restauração da independência. Foi um período de acontecimentos impor-

[1] Símbolo da FENTILIN – Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente - que faz referência ao autêntico povo timorense, geralmente pobre e esfarrapado devido à situação social provocada pelo contexto político colonial.

[2] A guerra de Manufahi, ou revolta de Boa Ventura foi um movimento anticolonial que ocorreu na região de Manufahi entre 1911 e 1912. A revolta tinha como líder o chefe de posto da região, Dom Boaventura. A razão divulgada para o início dos conflitos foi uma reação contra o aumento de pagamento de impostos para a metrópole. Essa batalha entrou na história de Timor como a mais sangrenta dentre as guerras anticoloniais e teve um grande número de timorenses mortos. A guerra de Manufahi é o melhor exemplo da resistência timorense contra a colonização portuguesa.

tantes da história de Timor, que são retratados como pano de fundo da vida do menino Luís.

É importante destacar aqui que, ao falar da trajetória do protagonista, Luís Cardoso narra os processos de formação das elites coloniais e pós-coloniais timorenses. Isso se dá por meio da abordagem das relações políticas existentes entre as elites locais e a administração colonial; das trajetórias educacionais perseguidas pelos personagens; do tipo de música ouvida por elas, da apresentação da estrutura urbana de Díli, entre o centro a periferia etc. De certa forma, narra-se a vida de duas gerações distintas das elites – aquela que serviu ao Estado português, que ganham expressão no livro por meio do pai de Luis, que morre – e aquela da geração de Luis. Ambas atuaram na resistência timorense à ocupação Indonésia.

A narrativa de *Crônica de Uma Travessia* sugere que o universo de referências culturais em Timor, entre a elite nativa emergente, não se limitava somente ao seu país, mas se estendia às demais colônias portuguesas, como Angola e Moçambique. O romance sugere ter existido entre as colônias portuguesas uma circulação de membros das elites locais emergentes. Em *Crônica De Uma Travessia*, Luís Cardoso aborda esse aspecto ao falar de alguns personagens africanos que foram parar em Timor-Leste. Um desses personagens é o velho Sokão, o homem do leme, que conduzia o barco na travessia de Díli para a Ilha de Ataúro. O barco também levava um prisioneiro, já que era para Ataúro que iam os desterrados e prisioneiros políticos. Esse é um fato sociológico importante, pois em função de seu isolamento, Timor foi considerado uma colônia penal durante muito tempo e o fato de ter recebido presos políticos teve implicação para a formação das elites.

O narrador-protagonista da obra está cercado por uma variedade de personagens que aparecem em sua trajetória e vão contribuindo para sua descrição sobre sua vida em Timor-Leste e, depois, em diáspora. O que aparece mais próximo do menino Luís é o seu pai, que o ajudou a percorrer os caminhos de sua formação educacional. Este é colocado implicitamente como oposição ao seu filho. O pai do menino Luís nasceu em Manufahí, local onde se passa o segundo romance dessa trilogia, e estudou no colégio de Soibada. Ele era membro da UDT – União Democrática Timorense – e defensor do *mate-bandera-hum*[1]. Sendo do partido oposto ao que conquistou o poder, o velho enfermeiro foi preso e ficou cativo da FRENTILIN na guerra civil. Ironicamente, Luis diz que o pai também foi responsável por isso, por ser aderente da UDT. Uma crítica suave à posição política do pai que era contrária àquela do menino Luís.

[1] Expressão em rétum que significa morrer à sombra da Bandeira, no caso a bandeira portuguesa.

Destinado à carreira eclesiástica pelo pai, o menino Luís estudou em colégios missionários como os de Dare e Soibada. No entanto, acabou não sendo aceito para padre, e foi enviado a Portugal com uma bolsa de estudos. Este é o resumo da sua trajetória educacional. Ao longo da obra, contudo, são apresentados eventos e fenômenos que revelam a complexidade dos processos de formação das elites locais em Timor-Leste.

Após sua travessia para Ataúro, que se deu no início da obra, o menino retorna a Díli para seguir com seus estudos. Seus parentes estavam à sua espera na capital para levá-lo ao colégio de Soibada, que se chamava D. Nuno Álvares Pereira. Esse colégio aparece com freqüência nas narrativas de Luís Cardoso, e foi muito importante na formação das elites timorenses. Sua importância era tamanha que os futuros líderes de Timor tiveram sua formação em Soibada, que era uma escola que tinha por objetivo formar professores-catequistas[4] para realização de ações missionárias. Aqueles que não tivessem vocação para a vida religiosa provavelmente teriam bons empregos, já que essa escola tinha uma boa reputação frente à elite timorense. A escola de Soibada D. Nuno Álvares Pereira, fundada em 1898 por religiosos portugueses, era freqüentada principalmente por filhos de *liurais*[5]. Os estudantes desse colégio formaram a geração de timorenses letrados que viria a se posicionar criticamente contra o regime colonial. Foi também a partir dos sujeitos formados nesse e em outros colégios que Portugal divulgava a língua, a religião e a cultura colonial. Depois de formados, muitos desses meninos ocupariam cargos na administração portuguesa em Timor.

Crônica de Uma Travessia explicita alguns dos processos mediante os quais foram engendrados nas elites locais referenciais de pertença político-cultural junto ao universo do império colonial português. Por meio da memória do menino Luis, indica-se que nas escolas falava-se de frutas como pêra e maçãs, que só existiam em Portugal. As crianças eram ensinadas a idolatrar Portugal, a pátria-mãe distante. Ensinavam-se as clássicas canções portuguesas e fazia-se com que os alunos imaginassem a metrópole com muita idealização. A cultura lusitana era introduzida aos poucos, ensinado seus valores, costumes e estética aos alunos timorenses.

Na consolidação e influência dos partidos políticos em Timor-Leste, a revolução de 1974 em Portugal foi de extrema importância e Luís Cardoso não deixou de abordar esse importante momento em seu romance. Em 25

[4] Os professores catequistas, além da função de educadores, tinham uma importância especial no auxílio à cristianização dos nativos. Eles eram escolhidos pelo Vigário Geral da Igreja Católica em Timor. Assim, o professor catequista também realizava as funções de catequese, ou seja, ensinava ao povo a doutrina católica.

[5] Chefe (tradicional de um reino);monarca soberano; chefe de um suco independente.

de abril de 1974 se deu o fim do Estado salazarista em Portugal. Em conseqüência, o processo de descolonização se consolidou em Timor-Leste e alhures. Emergiram então os partidos políticos locais. A partir da narração a respeito de como o 25 de abril foi, em um primeiro momento, recebido em Timor, ou seja, relativamente ignorado pelas autoridades, Cardoso nos apresenta os processos que deram origem aos três partidos políticos locais – FRENTILIN, UDT E APODETI – os quais, em um futuro próximo, viriam a protagonizar a guerra civil, ocorrida no território em 1975. Nesse sentido, é digno de nota o fato de que as lideranças dos três partidos foram todas formadas na escola missionária de Soibada. A UDT, União Democrática Timorense, que era favorável a uma eventual independência decorrente de um extenso período de transição em continuada associação com Portugal, é representada pelo pai do protagonista. Ele é um exemplo dos funcionários do Estado colonial que tinham interesse na manutenção do Império em função dos cargos que ocupavam. Em oposição a UDT estava a FRENTILIN, Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente. Sua liderança era formada principalmente por estudantes que receberam bolsa para estudar na metrópole e regressavam para Timor. Este partido defendia a criação de um Timor-Leste independente, já a APODETI (Associação Popular Democrática Timorense) era favorável à integração de Timor com a Indonésia.

Como abordado anteriormente, o menino Luís conseguiu uma bolsa de estudos em Portugal e partiu para Lisboa. Em sua estadia na metrópole, ele participa de um "grupo cultural[6] *maubere*" e acompanha de longe os acontecimentos da guerra civil de seu país. Em meio disso faz várias reflexões sobre a política de Portugal em Timor e comenta, muitas vezes ironicamente, sobre a situação em que se encontrava seu país.

Em Lisboa, conheceu Domingos e Mali-Mau. Com eles e com outros jovens o menino Luís (então já adulto) formou um grupo cultural, com danças e cantares do povo *maubere* que realizava *performances* em vários locais da Europa proclamando poemas revolucionários. Tratava-se de uma tentativa dos personagens de diminuir a saudade de sua terra natal. Ao longo do tempo o grupo acabou se transformando em um núcleo de resistência *maubere* que apoiava a FRENTILIN e acompanhava atento aos acontecimentos em Timor. Foi a partir daí que o engajamento político do protagonista tomou mais força. Esse fato é um indicador de como a cultu-

[6] Esses grupos culturais eram uma forma dos timorenses que se encontravam em diáspora em Portugal divulgarem a cultura timorense e manter ligações com sua terra de origem. Também era uma maneira de conseguir ajuda política e visibilidade internacional para Timor –Leste, que enfrentava uma situação difícil em função da invasão Indonésia.

ra timorense passou a ser um mote em torno do qual, sujeitos em diáspora alimentaram sua consciência nacional.

Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo

Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo é o segundo romance da trilogia literária de Luís Cardoso. Nele encontram-se elementos sociais, políticos e culturais da sociedade timorense. À diferença de *Crônica de Uma Travessia*, essa obra conduz o leitor a um mergulho mais profundo nos aspectos culturais da sociedade timorense, evocando-se de forma contundente aspectos sociológicos e cosmológicos dos povos que habitam as montanhas do país. Como conseqüência, a leitura do romance disponibiliza uma descrição densa das estruturas sociais e políticas locais, forjadas enquanto tais a partir da relação dialética com a colonização portuguesa. A obra é narrada em primeira pessoa e corresponde à voz da protagonista do livro, a menina Beatriz, oriunda da vila de Manumera[7] na costa sul da ilha. A composição de sua família é um exemplo dos diferentes segmentos que formaram as elites coloniais do país, sobretudo no século XX. Seu pai era professor catequista[8], uma profissão com um certo *status social*; seu tio Benvindo era administrador de uma vila e pretendente do trono de Manumera e sua avó era ex-rainha de Raitetuc[9], também chamada de "a senhora de Manumera". Sua avó também se chamava Beatriz, assim como sua mãe. Havia uma tradição na família das mulheres se chamarem Beatriz. Os pais de Beatriz se casaram para selar laços entre suas famílias, que tinham uma relação conturbada devido a um passado de guerras. O conflito em foco neste romance é a revolta de Manufahi, distrito onde Manumera está situada.

Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo apresenta personagens que representam as elites do Timor colonial, tanto as tradicionais, que existiam antes da colonização portuguesa, quanto as emergentes, frutos das políticas civilizatórias portuguesas. Luís Cardoso faz questão de retratar no romance as relações políticas em Timor-Leste e constrói seus personagens com posições político-partidárias distintas. Todos os partidos do período pré-independência de Timor-Leste estão representados indireta ou diretamente em algum personagem do romance, dando a possibilidade de, ao correlacionar os personagens de *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* com

[7] Manumera é um *suco* do subdistrito de Turiscai, que pertence ao distrito de Manufahi.

[8] Educador que também realizava funções de catequese.

[9] Região provavelmente criada pelo autor, pois não consta no Atlas de Timor-Leste. A partir da análise do romance pode-se concluir que se trata de uma região próxima do *suco* de Manumera e que foi um dos palcos da Guerra de Manufahi.

o cenário político local, tirar algumas interpretações relevantes para a análise sociológica da obra.

Beatriz nasceu sem ser esperada. Seus pais já tinham dois filhos crescidos, os gêmeos Mateus e Matias. A menina nasceu com olhos muito grandes como os de uma coruja. A primeira coisa a ser notada na menina eram seus olhos, a grande metáfora do livro, que dá o título à obra. Com o nascimento de Beatriz, sua família se preparava para o seu batizado. O padre Santa seria seu padrinho devido à proximidade que mantinha com a família. Quando viu os enormes olhos de coruja, padre Santa colocou-lhes uma venda preta.

No dia do batizado de sua filha, Dona Beatriz e o velho catequista desapareceram de maneira misteriosa. Dona Beatriz sumiu após ter recebido em sua casa a visita de seu parente Benvindo e o velho catequista fez uma viagem com seu afilhado Pantaleão e nunca mais retornou. Somente no fim do livro é que se sabe que o catequista virou comerciante e migrou para Koepang, uma cidade de Timor oriental que pertence à Indonésia, retornando no fim do romance para fundar o Partido Unionista em Timor[10]. Com o desaparecimento de seus pais, Beatriz ficou aos cuidados do padre Santa, que, com o pretexto de curar o mal dos olhos da menina, a encaminha com tia Matilde para a metrópole. Tia Matilde é retratada como uma enviada de senhora de Manumera, avó da menina Beatriz. A partir desse momento, o romance passa a abordar o retorno da menina para Timor.

Uma boa parte da história se passa no navio de regresso a Timor, na travessia de Aden para Díli[11]. Nesse retorno à sua terra natal a menina Beatriz já tinha 15 anos. Até então, ela nunca havia retirado a venda preta que padre Santa lhe colocou no dia de seu batizado. Foi no navio, durante a viagem de regresso para Díli, que aparece na obra um personagem muito importante, o ex-tenente Luís de Albuquerque. Ele tinha olhos verdes e profundos como um gato bravo e flertou Beatriz durante a viagem. Luís era ex-tenente do exército português e foi enviado para Timor na missão de ocupar o cargo de administrador do posto de Ai-ná. No fim da viagem, tia Matilde, que havia notado a presença do rapaz no navio e seu interesse na menina, marcou um encontro para os dois. Esse encontro foi estranho e muito marcante para ambos e, depois de dois anos, Luís de Albuquerque aparece na casa do velho catequista pedindo a mão de Beatriz em casamento. Como o pai de Beatriz estava desaparecido, ele pediu autorização para o casamento ao irmão de sua futura esposa, Matias. Com a autorização

[10] O partido Unionista corresponde a APODETI.

[11] Capital de Timor Leste.

concedida, Luís de Albuquerque se casou com Beatriz. A avó da noiva não compareceu à cerimônia, mas mandou por Mateus um alfinete de cabelo de esmeralda como presente de casamento para sua neta.

No período do casamento de Beatriz, o então Timor português estava passando por um momento político delicado devido aos conflitos entre os movimentos pró-independência e os federalistas. Luís de Albuquerque era representante do domínio português em Timor e membro do Partido Federalista, qual seja, a União Democrática Timorense (UDT). Em um desses conflitos, matou Natalino, o filho do Régulo de Manumasin que tinha pretensões de se casar com Beatriz. Neste período, o domínio português em Timor estava prestes a terminar e o movimento pró-independência estava ganhando cada vez mais visibilidade. Devido a esse contexto político Luís de Albuquerque estava com muita pressa de se casar com Beatriz, pois sabia que cedo ou tarde seria condenado à morte. O casamento de Luís e Beatriz foi consumado. Entretanto, a cópula entre o casal demorou a acontecer e se deu após a noite de núpcias. No dia em que finalmente tiveram a primeira relação sexual, enquanto Luís suspirava de prazer, Beatriz enfiou em suas costelas o alfinete de esmeralda que ganhou da avó. Neste mesmo momento, ela retira a venda preta dos olhos e se depara com os olhos verdes de gato bravo de Luís. E assim termina o livro, com o assassinato de Luís de Albuquerque por Beatriz. O alfinete usado como instrumento de morte é muito importante na ligação desta obra com a obra seguinte da trilogia, *A Última Morte do Coronel Santiago*.

A análise do presente romance, assim como das demais obras da trilogia, sugere a existência de uma tipologia das elites timorenses na obra de Luís Cardoso, constituída por três tipos ideais: (1) a elite forjada por relações privilegiadas com a igreja, representada em *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* pelo padre Santa e pelo velho catequista; (2) a tradicional-local, ancorada em preceitos cosmológicos tradicionais, representada pela senhora de Raitetuc; e (3) as elites incorporadas à administração colonial portuguesa, que pode ser representada pelo régulo administrador do subdistrito de Manumasin. Entretanto, deve-se atentar ao fato de que essas classificações de elites estão absolutamente inter-relacionadas. Para ser chefe de posto, por exemplo, é necessário que se tenha uma formação em bons colégios (os bons colégios em Timor nesse período eram os católicos), ter sido batizado e estar inserido na comunidade cristã e, de preferência, ter algum parente com posições políticas ancoradas em preceitos cosmológicos tradicionais.

Em *Olhos de Coruja olhos de Gato Bravo,* Luís Cardoso construiu personagens que se identificam enquanto tais pelas posições políticas que alimentam. Nesse quadro, por exemplo, Luís de Albuquerque e Natalino se opõem um ao outro em função do primeiro ser correligionário da UDT enquanto o último da FRETILIN. Partilham, contudo, o interesse de se casar com Beatriz. Natalino é um personagem importante nas representações de Luís Cardoso a respeito das elites locais emergentes. Natalino era filho do régulo[12] de Manumasim, que era a favor da Independência de Timor. Seu pai queria casá-lo com Beatriz para sedimentar os laços políticos entre as famílias. Como a avó de Beatriz é uma importante representante da elite local de Manumera, seria politicamente interessante juntar um casal de descendentes de linhagens reais. No entanto, a aliança política através desse casamento não se realizou. Beatriz se casou com Luís de Albuquerque, representante do domínio português.

Uma análise das posições estruturais dos personagens no romance sugere que Beatriz pode ser tomada como uma alegoria do próprio Timor. Em seu batizado, padre Santa lhe colocou uma venda nos olhos. O pano preto pode ser interpretado como uma metáfora do papel alienador da Igreja Católica, que engendrou uma série de mecanismos para que a população nativa não tomasse consciência da exploração de que era objeto. A venda que ocultava os olhos de Beatriz só é retirada com a morte do agente colonial, Luís de Albuquerque. Nesse contexto, a cena do assassinato de Luis por Beatriz pode ser interpretada como uma alegoria ao momento no qual as elites timorenses passam a se rebelar diante do agente colonizador, passando a reivindicar a sua autonomia.

O que reforça ainda mais a idéia da personagem Beatriz ser lida como metáfora de Timor-Leste é o contexto político no qual se deu a morte de seu marido. Beatriz levava uma vida de cega devido à venda preta em seus olhos. Seguindo esta metáfora, era Timor-Leste quem não enxergava claramente a situação política em que estava inserido. Com a Revolução dos Cravos e a conseqüente queda de Salazar, estavam abertas as portas da independência timorense e das outras colônias ultramarinas portuguesas. É neste momento que Beatriz mata Luís de Albuquerque, que no caso representa a dominação portuguesa no país. Depois de matá-lo, Beatriz retira a venda e passa a enxergar tudo aquilo que lhe foi ocultado aos olhos. É, pois, nesse mesmo momento histórico que Timor-Leste estava finalmente em condições de declarar sua independência.

[12] Rei

A Última Morte do Coronel Santiago

O terceiro livro da obra de Luís Cardoso aborda alguns dos dilemas envolvidos no cotidiano das elites timorenses em diáspora mediante a abordagem da trajetória de Lucas Santiago, protagonista do romance. Nascido em Timor-Leste no período de pré-ocupação indonésia, Lucas vive em Portugal, onde, a partir da experiência de exílio, desenvolve e aperfeiçoa suas habilidades literárias, tornado-se um dos mais conhecidos escritores timorenses. A narrativa tem como cenário o período que se estende das vésperas da proclamação unilateral da independência de Timor, entre 1974 e 1975, até os primeiros anos de sua restauração, ou seja, entre os anos de 2002 e 2003. Nesse contexto, o enredo narra, entre outras coisas, alguns dos fenômenos envolvidos nos processos de criação literária de modo que o desfecho do segundo romance da trilogia de Luís Cardoso é apresentado na presente obra como uma questão a ser resolvida por Lucas, o que indica, entre várias outras coisas, a possibilidade de Lucas ser tomado como o *alter ego* de Luís Cardoso.

Lucas era de uma família tradicional de Timor-Leste cujo pai e avô foram coronéis de segunda linha. Eles foram coronéis de um corpo armado (milícias), formado por nativos que defendiam Portugal. Não eram oficiais das forças armadas portuguesas e por isso eram coronéis de exército de *segunda linha*. O pai de Lucas, o coronel Pedro Santiago, foi um homem conhecido em Timor, não só por ter lutado contra os japoneses na Segunda Guerra Mundial, mas também por carregar o título de coronel, sendo considerado por muitos um herói do povo. Entretanto, o coronel não apoiava politicamente os movimentos de independência de Timor. Pelo contrário, era simpatizante de Salazar e tinha a fama de reacionário. Esta sua posição política de apoio a Portugal é retratada como um aspecto importante para o seu futuro, que culminará na sua própria morte.

Luís Santiago, o avô de Lucas, em uma das guerras de que participou para a pacificação de Timor, adotou uma criança, batizando-a de Pedro Raimundo. Dizia-se que provavelmente ele era filho do inimigo, mas a situação de abandono na qual encontrou a criança mexeu com o coração do coronel. Pedro Raimundo foi o responsável pela morte de seu irmão, Pedro Santiago – pai de Lucas – devido a conflitos pessoais e principalmente às posições políticas opostas dos dois. Pedro Santiago se casou com Juliana e teve com ela seu único filho legítimo, Lucas Santiago. O coronel Pedro Santiago teve outros filhos bastardos com diversas mulheres, como Mateus, que aparece no fim da narrativa. Pedro Santiago não chegou a reconhecer

a paternidade de Mateus. Antes de ter sido morto por Pedro Raimundo, Mateus veio pedir ao pai o reconhecimento da paternidade. No entanto, o pedido foi negado. Pedro Santiago era um homem conservador e jamais assumiria um filho bastardo. Lucas descobriu a existência de seu meio-irmão somente 25 anos após a morte de seu pai, quando retornou a Timor.

Lucas foi morar em Lisboa para estudar medicina. Esse não era o seu sonho, mas a vontade de seu pai. No entanto, no meio do curso, descobre que sua jornada era outra. O que ele gostava mesmo era de escrever. Grande parte do livro se passa na Europa, onde são descritos vários aspectos da vida de Lucas, que vão desde relações amorosas, estudos, opiniões políticas até o desafio de escrever um livro sobre sua terra-natal. Em Lisboa, enquanto cursava a faculdade de medicina, namorou Clara. Os dois jovens amantes viajaram por alguns países da Europa. No entanto, ao final da viagem, Lucas desaparece, abandonando Clara sem informar seu paradeiro. Passando-se 25 anos, Lucas foi atropelado e parou no hospital. Depois desse acidente ele nunca mais voltou a ter seu estado psicológico perfeito, misturando muitas vezes imaginação e realidade. Coincidentemente, a médica que o atendeu foi Clara, sua namorada da juventude. A partir desse reencontro os dois passam a ter uma forte ligação durante toda a narrativa. Clara era uma portuguesa nascida em Timor, nomeadamente em Maubisse. Em oposição ao protagonista, era politicamente engajada e participava de passeatas a favor da desocupação Indonésia em Timor. Já Lucas não queria se envolver com esses assuntos. Ele queria evitar ao máximo o contato com sua terra natal para que pudesse continuar fugindo de encarar a morte do pai e seguir o seu destino como "último dos coronéis Santiago." Entretanto, isso não foi possível. O que Lucas conseguiu foi atrasar seu destino.

A Última Morte Do Coronel Santiago gira em torno da crise existencial, da loucura, da imaginação e das aventuras de Lucas, seu protagonista. A obra mistura fantasia com realidade. Os fatos não seguem uma lógica clara, artefato típico da literatura contemporânea. Luís Cardoso trabalha muito com a ambigüidade e com metáforas, chegando a lembrar a literatura fantástica. É possível associarmos a pretensa loucura de Lucas aos descompassos identitários de um sujeito em diáspora, às sensações de deslocamento, saudade e múltiplos vínculos de pertença, sentimentos e percepções bastante familiares ao autor do livro. Luís Cardoso caracteriza seu personagem a partir de uma trajetória que ele mesmo seguiu. Luís Cardoso, o autor, e seu personagem, Lucas, têm vários pontos em comum, sendo o mais importante deles o fato de ambos serem escritores timorenses em diáspora.

Esse é um dos motivos pelo qual se pode interpretar o personagem Lucas como o alter-ego do autor da obra. A trajetória e os dilemas de Lucas se confundem com aqueles que possivelmente marcaram a trajetória de Luís Cardoso. Lucas, diferentemente do protagonista de *Crônica de Uma Travessia*, foi marcado por referências culturais pós-coloniais. Enquanto o menino Luís da primeira obra estava inserido num meio onde as referências culturais eram voltadas para a metrópole. Lucas estava em contado com um universo multicultural, representado, por exemplo, pela música de Teixeirinha. Tal como retratadas na trilogia de Cardoso, as elites timorenses, enquanto Timor-Leste não era um país autônomo, pareciam viver constantemente em conflito. Esses conflitos, conforme abordados no presente romance, eram geralmente devidos a oposições políticas distintas diante da colonização portuguesa e de tensões entre distintos reinos. Em diferentes momentos do enredo de *A Última Morte do Coronel Santiago* evidencia o envolvimento das elites timorenses ao longo da história do território, ora do lado de Portugal, a favor, portanto, das guerras de pacificação, ora em atuação em revoltas nativas, como Manufahi, ou ainda nas estruturas dos modernos partidos políticos, como a FRENTILIN e a UDT.

Pedro e Luís Santiago, respectivamente, pai e avô de Lucas, eram coronéis de segunda linha do Estado colonial português em Timor. A existência desse exército de segunda linha pode ser interpretada como exemplar do modo de operação da colonização portuguesa em Timor e quiçá em outras paragens. Embora oficialmente alinhada a um regime direto de administração colonial, em função de sua deficiência, o Estado português só conseguia se fazer presente na província mediante alianças com as elites nativas. Os exércitos de segunda linha eram um dos meios para a firmação dessa aliança. Em reconhecimento aos serviços de segurança prestados à administração colonial, os líderes dessas milícias recebiam o título de coronel de segunda linha, e atuavam, portanto como intermediários nativos da administração colonial. Os cargos da administração portuguesa em Timor-Leste ocupados por nativos foram muito importantes na formação da elite local moderna. Este fato é retratado em várias passagens do romance mediante a descrição, por exemplo, da importância que os coronéis de segunda linha tinham nas sociedades em que viviam, ou da importância que eles achavam que tinham. Eles eram pessoas públicas por ocuparem um cargo ligado à administração portuguesa. Os coronéis, mais especificamente o coronel Pedro Santiago, se consideravam heróis e esperavam que a população os visse da mesma forma. Pedro Santiago usava da sua posição

de coronel para cobrar da população algum tributo em troca da proteção que ele lhes ofereceu. Havia uma relação de troca de favores, uma espécie de clientelismo que revela padrões de relações políticas no Timor colonial.

Em *A Última Morte do Coronel Santiago,* aparecem diversos personagens com posições políticas distintas. A maior oposição é entre o coronel Pedro Santiago e seu irmão Pedro Raimundo. As diferenças entre os dois irmãos eram tão gritantes que culminou no assassinato do coronel Pedro Santiago pelo seu irmão adotivo, que não aceitava que Pedro Santiago fosse defensor de Salazar. Pedro Santiago era tido como reacionário. Entretanto, o ódio que Pedro Raimundo tinha pelo irmão ia além de conflitos ideológicos e políticos. O verdadeiro pai de Pedro Raimundo foi morto pelo coronel Luís Santiago em uma batalha, já que era coronel de segunda linha do exercito português. Luís Santiago não matou o pequeno bebê Pedro Raimundo, pois ficou sensibilizado ao vê-lo chorar no meio da batalha. Assim, resolveu adotá-lo. Porém, não sabia que no futuro ele iria trair a família e matar o irmão.

Lucas, ao sair de Timor rumo a Portugal fez o que muitos timorenses fizeram no período de ocupação Indonésia. Segundo Antunes (1999) em seu artigo sobre os timorenses em Portugal, os fatores sociais e políticos de Timor-Leste levaram essas pessoas à diáspora e, conseqüentemente, à acusação de abandono dos que permaneceram no país. Essa situação é abordada nesta obra de Cardoso, e Lucas representa o timorense em diáspora que abandona seu país num período de instabilidade política e social e é acusado pelos outros de oportunismo.

Crônica de Uma Travessia termina retratando o ataque das milícias indonésias a Timor, em 1999. *A Última Morte do Coronel Santiago* aborda o momento pós-1999. O primeiro livro enfatiza a saída do protagonista de Timor, enquanto o terceiro privilegia a vida em diáspora de Lucas e seu retorno ao país de origem. Mesmo possuindo nomes distintos e histórias de vida diferentes, ambos os protagonistas evocam dimensões da trajetória de Luís Cardoso, com um forte viés autobiográfico.

Considerações Finais

Em toda trilogia de Cardoso abordam-se as travessias mediante as quais as elites timorenses e Timor-Leste, como um Estado-Nação, foram edificadas: travessias das montanhas para Díli e de Díli para as montanhas, de Timor para Portugal e vice-versa; dos países de colonização portuguesa para Timor e Portugal; da Indonésia para Timor; de outros países da Europa

para Timor, etc. Os sentidos de cada uma dessas travessias recebem ênfases diferenciadas em cada uma das obras.

Em *Crônica de uma Travessia* abordam-se os caminhos entre as montanhas e Díli e de Díli para Lisboa. *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* privilegia as travessias percorridas pelos personagens nas montanhas e delas para Díli ou para a Indonésia. Já em *A Última morte do Coronel Santiago* as trajetórias dos timorenses em diáspora ganham destaque. Ao longo dos livros são apresentados os universos de referência dos quais se alimentam a identidade e a memória das elites locais: o universo tradicional (das montanhas), as guerras internas, posteriormente as guerras contra os portugueses (Manufahi), depois a II Guerra Mundial, a descolonização e a ocupação Indonésia, a invasão internacional etc. Assim sendo, permeiam os horizontes culturais das elites desde elementos do antigo Império português ao mundo pós-colonial. Luís Cardoso insere em suas obras a influência que outros países tiverem sobre a cultura timorense e a forma como elementos tradicionais e globais passaram a constituir a mesma fronteira social. Em *A Última morte do Coronel Santiago*, por exemplo, encontramos muitas citações que remetem a elementos que podem ser denominados de cultura geral humanística. Dentre eles, destacam-se as referências a *Jorge Luís Borges* e *Luís de Camões*, ao tango argentino de *Piazolla*, ao filme *Pulp Fiction*, ao compositor *Chopin*, ao poeta *Fernando Pessoa*, ao mestre Italiano *Ennio Marricone*, ao livro clássico *O Pequeno Príncipe*, entre outros. Estas citações podem ser interpretadas como indicadores do processo de cosmopolitização das elites timorenses em diáspora. As citações ao Brasil, nesse contexto, têm o mesmo estatuto das citações à França, à Espanha (Santiago de Compostela, etc.). Trata-se do processo de ampliação das referências sociais e culturais de elites em diáspora que passam a construir suas identidades por meio de uma pluralização de seus universos de referência.

Nessas três obras de Luís Cardoso Timor-Leste é representado a partir do olhar de suas elites, segmento social do qual advém a maioria dos personagens que dão vida às narrativas de Cardoso. E isso não é acaso: Timor-Leste, como um Estado-Nação, é uma invenção dos vários grupos de elite que habitaram o território ao longo dos últimos dois séculos, cujas ações foram experimentadas a partir de uma relação dialética com a colonização portuguesa. Timor-Leste, como uma comunidade imaginada, foi forjada a partir das ações desses grupos de elite, dos quais o próprio autor fazia parte e é por isso, inclusive, que ele os representa tão bem.

Referências bibliográficas

ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional.* São Paulo: Ática, 1989.

ANTÔNIO, C. *O Povo Mambai – contribuição para o estudo do povo do grupo linguístico Mambai – Timor.* Lisboa: Ed. Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1965.

ANTUNES, C. *Os timorenses em Portugal: motivações e objetivos.* Lisboa, (1999).

BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica.* In._____. Razões Práticas sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, L. *Crônica de uma travessia – A época do ai-dik-funam.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

_____. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

_____. *A Última Morte do Coronel Santiago.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

COSTA L. *Dicionário de Tétum - Português.* Lisboa: Edições Colibri, 2000.

ESPERANÇA, J. P. T. *Rituais e figuras do fantástico em Timor.* Revista da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 1996.

GEERTS, C. *O Saber Local.* Petrópolis: Vozes, 1997.

GUNN, G. C. *Timor Loro Sae: 500 anos.* Macau: Livros do Oriente, 1999.

GUSMAO, X. *Timor Leste: Um povo, uma pátria.* Lisboa: Colibris, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco.* Vozes: Petrópolis, 2003.

SAHLINS, M. (1985) *Ilhas de história.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SILVA, K. C. *Paradoxos da Autodeterminação: a construção do Estado-nação e práticas da ONU em Timor-Leste.* Tese de doutorado. UNB, 2004.

SCHULTE-NORDHOLT, H. G. C. *The political System of the Antoni, Martinus Nijhoff.* Haia, 1971.

SIMIÃO, D. S. *As donas da palavra: gênero, justiça e a invenção da violência doméstica em Timor-Leste.* Tese de doutorado. UNB, 2005.

TRAJANO FILHO, Wilson. *A sociabilidade da diáspora: O Retorno.* Série Antropologia número 380. Brasília, 2005.

TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e antropologia do imaginário.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

TURNER, Victor *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, Max. *Sociologia. A "objetividade" do conhecimento nas Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Atlas, 1979.